










Ronald de Carvalho

# Itinerario



Antilhas  
Estados Unidos  
Mexico

Companhia Editora Nacional









# ITINERARIO

Obras do mesmo autor publicadas pela  
Companhia Editora Nacional :

"CADERNOS DE IMAGENS DA EUROPA,,

"TODA A AMERICA,,

RONALD DE CARVALHO

★

# ITINERARIO

ANTILHAS  
ESTADOS UNIDOS  
MEXICO

*1935*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
RUA DOS GUSMÕES, 24-A/30  
SÃO PAULO



*á*  
**LEILAH**



## INDICE

Tres momentos das Antilhas :	
Cocktail.	13
Sésta .	17
Port of Spain	21
U. S. A. :	
Philosophia do arranhacéu	31
Synthese de Nova York	35
Coloured people . . . . .	37
Entre Nova York e Laredo.	41
Gravuras do Mexico :	
A lição do deserto	49
O Deserto e o Homem	53
O Mexico e a revolução	61
As duas heranças	67
Porfirio Diaz .	71
O exemplo de Obregon	77
Guadalajara .	85
Caminho de Tlaquepáque	87
Caminho de Tonalá	91
A festa de Tonalá	93
Magia Tonalteca	99
A casa do tonalteca	101
O homem de Tonalá	105
Architectura .	107
Tavalera de puebla.	109





# **Tres momentos das Antilhas**



## Cocktail

**O** negro do “bar”, debruçado na mesa vazia, sorve, de olhos semi-cerrados, os frios do marmore humido. Em cada vigia salta uma flecha de fogo, e a luz das tres horas da tarde mergulha no mar o corpo molle e oleoso.

Ao meu lado, estendida na cadeira de lona riscada de vermelho e branco, miss Garrett, americana de St. Louis Missouri, comprida e magra, parece uma espada retezada na sua bainha de linho.

Miss Garrett fala mal dos judeus, não acredita na South America, tem sardas do tropico, e é amiga intima de miss O'Bryen, campeã de tennis de San Antonio do Texas.

Miss Garrett, de St. Louis Missouri, e miss O'Bryen, campeã de tennis de San Antonio do Texas, viajam na mesma cabine, vestem os mesmos vestidos brancos, têm, de manhã, o mesmo cheiro de pasta dentifricia e dizem "darling", uma para a outra, como se estivessem jogando entre si com a mesma bola de que se serviu miss O'Bryen para o "wonderfull drive", como

escreveu John Joyce, correspondente do “New York Times”, para o “drive” unico, que afastou, de uma vez, a concorrência de miss Edith Lathrop, campeã do Country Club, de Dayton.

O ar das Antilhas sopra um desejo de aventuras navaes.

O ar das Antilhas balança pelo “deck” a sua pluma de aromas salgados

O ar das Indias Occidentaes !

Mas todos os saxões abaixam as conchas vermelhas das palpebras espessas sobre os olhos inuteis.

Do meu lado direito, miss Garrett resona.

Do meu lado esquerdo, miss O’Bryen resona.

Deante de mim, envernizado de suor, o negro do bar resona.

Branços e pretos resonam.  
Doçura da paz “yankee”.  
O ar das Antilhas belisca o mar.  
A unica aventura de bordo é a minha  
imaginação !

## Sésta

**M**ADEMOISELLE Blanche Durand é sobrinha do mais rico perfumista da rua Bonaparte, na Ilha de Nossa Senhora de Guadeloupe.

Seu “bungalow” tem uma varanda que dá para o mar.

No “bungalow” de mademoiselle Durand ha uma victrola de Broadway, uma mesinha redonda de pés torcidos, onde estão os caramujos mandados por suas primas da ilha de Maria-Galante, uma flauta para as digestões de mr. Durand e uma estante para os romances de Delly.

Mademoiselle Durand, da sua rêde, entre as mangueiras e os castanheiros, olha, de quando em quando, para o grande portão de madeira do fundo do jardim.

Mademoiselle Durand espera o correio de Paris.

Calor !

Misturam-se, na folhagem morna, azues de araras, amarellos de tucanos.

Silencio      silencio

Dentro da rêde clara, mademoiselle Durand é toda a sésta lasciva das Antilhas.



Mademoiselle Durand mostra, no estojo das gengivas roxas, os dentinhos pontudos como pontinhos de luz.

Sonha com as modas de Paris.

A rêde não se mexe

E a sua mãosinha chata, pendente de um montão de rendas, parece a cabeça de uma cobra negra, espiando a sombra quieta dos coqueiros sobre o chão



# Port of Spain

## Capitulo I

**H**ORACE Page, filho primogenito do sr. governador da Trinidad, aproveita o domingo para jogar golf com as duas irmãs miss Dorothy e miss Catherine, e com a amiga de suas irmãs, miss Mary Homer,

filha de mr. G. T. Homer, armador de Southampton.

Os olhos azues dos quatro inglezes louros se embebem no campo verde, e sugam as claridades matinaes da paizagem com a gula ingenua das mansas pupillas saxonicas.

Saltam gafanhotos, em pulos curtos e indecisos, batendo nas botas de couro cru.

O matto chia debaixo do sol, que encera e cresta as hervas gordas do chão.

Zumbem insectos na folhagem.

Os gramados vaporam cheiros acidos.

Estalam gomos de bambu.

## Capitulo II

Na casa do sr. governador, com a sua varanda coberta de trepadeiras preguiçosas e o seu aroma de chá bem fervido, cée do mastro pintado de branco a bandeira de sua majestade.

Tudo está no seu logar.

As arvores estão attentas !

Mangueiras immoveis.

Bananeiras immoveis.

Mamoeiros immoveis.

Palmeiras immoveis.

A paizagem é uma parada.

A natureza espera o sr. governador  
para se mexer.

Sentido !

O sr. governador entra no seu “ca-  
briolet” de verniz amarello, abre o chapéu  
de sol encarnado e mette no bolso os “Psal-  
mos de David”, em papel de arroz, edição  
de Oxford.

Cercas de campos, troncos e pedras  
tudo se perfila !

### Capitulo III

Só os molequinhos caraibas, atolados, até os joelhos, nos mangues manchados de caranguejos azues, ignoram a disciplina britannica.

O “cabriolet” de verniz amarello do sr. governador da ilha de Trinidad póde passar á vontade.

Nem por isso os molequinhos carai-  
bas deixam de parecer pequeninos bron-  
zes indiscretos, de onde jorram, de quan-  
do em quando, fios e fios de ouro em  
fusão.

Ouro que os inglezes desprezam.

Ouro que o sr. governador não apura  
nos seus relatorios ao governo de sua ma-  
jestade.

Ouro que os molequinhos caraibas es-  
banjam, indifferentes ás leis de economia  
e aos proverbios judeus do sr. governador  
geral da ilha de Trinidad.



#### Capitulo IV ou da Moralidade

Miss Dorothy, miss Catherine e miss Mary Homer pensam que os molequinhos caraibas são immoraes.

Mr. Horace Page é como o seu pae : não pensa nada.



**U. S. A.**



## Philosophia do arranhacéu

**O** arranhacéu não é apenas um milagre da mecânica. E', antes do mais, um índice sociológico, uma representação de valores políticos. Ao revés do templo ou do castello senhoril, cuja construção estava subordinada ás necessidades de um ente

superior, que fazia sentir, por toda a parte, o influxo do seu poder exclusivo, o arranha-céu é uma pequena communa, onde todos quantos elle abriga estão sujeitos a uma só lei de igualdade civil. Essa igualdade liberta o individuo das hierarchias e augmenta-lhe o senso da responsabilidade em face dos seus semelhantes.

A galeria dos espelhos, em Versalhes, é a moldura de um Rei. Moveis, tapeçarias, cristaes e gentishomens eram, ali, ephemeros accessorios da majestade real. Constituiam simples accidentes, onde se refrangiam os raios do Rei-Sol. Puras massas de paizagem para o jogo de um Principe.

A nave de Chartres, os largos espaços das basilicas romanas criaram-se para o esplendor da idéa de Deus.

A logica da cathedral e do palacio inspira-se numa disciplina abstracta: no

respeito ao Homem-Deus e ao Homem-Senhor.

A logica do arranhacéu inspira-se no sentimento da communhão, nas leis da economia, que repellem quaesquer residuos decorativos, e nas leis do direito publico, que reduzem as relações sociaes a um pacto de igualdade.

O arranhacéu é filho da Revolução. Seu primeiro architecto foi o Emilio, de Rousseau.





## Synthese de Nova York

**D**ENTRO do enorme “shake”, instalado na torre de madeira, a mecanica misturou cimento, vidro, pedra britada, aço, ferro, betume e asfalto.

Giro de rodas. Rumor de bilhas pesadas, escorrendo oleo grosso.

Ranger de correntes.

Saltos de embolos.

Pulos de luzes tontas, disparando de púas electricas.

Posse da materia pela machina.

Gymnastica de cubos. Acrobacia de solidos.

Nova-York, vertical, plantada sem rai-  
zes no granito insensivel, ergueu-se do  
chão entre vagidos longos de metaes.

Cidade que não foi embalada pela voz  
do homem.

Jogo da razão geometrica.

Invenção do calculo.

Equação urbana.

Lá-longe, escondida no valle do Arno,  
uma pobre aldeia toscana, toda illuminada  
de sol, lança a flecha da sua igreja para  
o céu

## Coloured people

**S**Ó o negro sentiu e transmittiu o lirismo da terra, nos Estados Unidos. Sómente elle conseguiu transpor a fronteira da imaginação criadora. Rodeado de machinas, desforra-se das technicas niveladoras, pelo canto e pela dansa.

O *Jazz* e o *Blue* constituem, até agora, as expressões humanas de maior potencial inventivo norte-americano.

Se os povos se caracterizam pela poesia e pela mimica, só uma raça, nos Estados Unidos, encontrou o seu radical: a raça de Booker Washington e de Du Bois. O rythmo norte-americano está na musica e no gesto dos negros. Este rythmo se impoz ao mundo, de tal maneira, que, hoje, em face das construcções mecanicas, deante do radio, do arranhacéu e da lampada electrica surge sempre a imagem do *jazz* e do *blue*.

Debaixo da epiderme branca das *girls* agita-se a choreographia negra.

Em repouso, um grupo de dansarinas de Hollywood é uma réplica da estatuaria classica. Mas aquelles membros, que foram modelados para o minueto e a valsa,

quando entram em movimento contrariam a essencia da sua origem. Desmancham-se os quadris em contorsões violentas, batem pesadamente os pés sobre os calcanhares, a linha dos hombros ondula vertiginosamente, as cabeças têm oscillações de pendulos furiosos, as faces arreganham-se, com o aspecto das mascararas congolezas, e os musculos vibram, em descargas repentinas.

O tam-tam da macumba deforma e absorve a plasticidade aryana.

A alma do negro infiltra-se e possui os corpos saxões.

Quando o americano dança ou canta, o negro, recalcado por varios seculos de oppressão, vem á tona e escraviza os senhores

*I too am America*, disse o poeta.



## Entre Nova-York e Laredo

**A** ventanilha do “Observer-Car” vae absorvendo e devolvendo, em quadros instantaneos, as terras americanas. A velocidade multiplica os espectaculos, condensa as paizagens, transforma campos, villas, e cidades em schemas dynamicos.

Os rebanhos de touros e carneiros projectam-se sobre as arvores, colam-se ás casas rusticas das granjas, desaparecem, entre bandejas de verdura, e tornam a voltar, pendurados em monticulos ou esparramados em manchas pardas sobre os valles.

De vez em vez, a cupola de um capitolio provinciano succede aos largos mantos d'agua do Missouri.

Por toda a parte, a lição da igualdade. O "standard" architectonico reproduzindo o "standard" ethico e social. Tudo disposto para o verão : chapéus, galhos de arvoredos, varandas de roças, trajes masculinos, vestes femininas.

Os Estados da União differem, entre si, apenas pelos nomes.

O andar do camponez, preciso, rectilíneo, seguro de si mesmo, assemelha-se



ao do corretor de Wall-Street, ao do operario de Pittsburg, ao do politico de Washington. Acompanhando as vaccas e os bois, o agricultor americano não segue os animaes com aquelle instincto amoroso do pastor europeu, mas com a decisiva energia de um jogador de Bolsa. A massa viva do gado converte-se, no seu olhar duro e avido, em operação commercial, em titulos, em cifras.

Mireio não nasceria aqui. O lirismo da terra não se infiltrou nessas almas algebricas.

Ao meu lado, na poltrona do Pullman, um senador do Arkansas procura explicar-me a geographia do seu paiz. Observo que só a dimensão o seduz. Tudo se traduz, no seu espirito, em pesos e medidas. Seu cerebro registra estatisticas. Elle não vê o pinheiro, vê os pinhaes, não

escuta a symphonia mas enumera os instrumentos que a executam. Não o ouço mais. Suas palavras confundem-se com os sons dos aços que trepidam, incorporam-se aos ruidos metallicos do trem.

Retomo o fio do meu pensamento.

A raiz da civilização norte-americana entranha-se num desesperado urbanismo. Os campos industrializam-se, á espera das futuras cidades, que virão, mais tarde ou mais cedo, lastrar sobre aquellas hervas, que se agitam ao vento morno de julho.

No alto do seu cavallo, o “cow-boy” já tem o aspecto do *policeman*.

O mais humilde cultivador é um pequeno Babbitt recalcado, que sonha com um radio, um Ford e um banheiro de azulejos.

As multidões brancas dos Estados Unidos caminham sempre em direcção á cidade.

Por isso, as criações do branco são um phenomeno de juxtaposição. As complexas correntes migratorias agglutinam-se á feição dos bancos de coral. Produzem uma vegeteção rica, mas disparatada, onde permanece, indestructivel, a constante européa. Suas expressões mais características renovam o modelo primitivo. O *Woolworth Building* é gothico. O Capitolio é greco-romano. As columnas de Chicago ou de São Francisco têm cem metros ou mais de altura. Mas a quantidade não esconde a qualidade. Ao contrario. *Diminue*. Com má vontade, poderíamos dizer que a *enormidade* norte-americana é uma *diminuição* involuntaria da Europa. O phenomeno, entretanto, não é esse. O *yankismo* é uma adaptação, em planos desmesurados, da technica européa. E' uma grandeza material, de caracter provisorio.

Uma grandeza que busca as suas proporções. O espirito ainda não lhe insuflou vida propria.

Os Estados Unidos atravessam uma phase de civilização com andaimes. Todo o esforço da sua cultura está, justamente, em poder retiral-os, quando a obra de criação verdadeira estiver concluida.

# Gravuras do Mexico



## A lição do Deserto

**Q**UEM penetra o territorio mexicano, pela fronteira do Rio Grande, recebe o choque de um contraste fulminante. Para atrás, ficam os valles estrellados de papoulas silvestres, os campos de cultura, os canaes de irrigação, os “cottages”, os “bun-

galows” e as aldeias norte-americanas, cortadas como tabuleiros de xadrez, onde os *cow-boys* passeiam a sua arrogancia de peões elegantes. Para atrás, as doçuras de uma vida facil e amavel, risos de “babies” louros, de olhos ingenuos, rumores de granjas alegres, fitas rectas de estradas macias, torres de armazens de petroleo, casarões coloniaes, de gosto espanhol, em cujas muralhas cresce a hera dos castellos inglezes. Para atrás, a fartura, a economia, o bom senso mediocre das contas em ordem, a philosophia tranquilla dos livros de razão.

Em frente, desdobrando-se numa tapeçaria de mica, num mar de scintillações seccas, ponteadas de brilhos duros e immoveis, estende-se, por todos os quadrantes o deserto primitivo. Nem um relevo hu-



mano mancha a pagina virgem da criação. Sobre a ondulação dos cómoros desolados, onde as palmeiras nanicas equilibram perfis de pernaltas em repouso, despeja-se o azul carrancudo do céu. O vento morno, que percorre os areiaes move-diços, não traz ás papillas ávidas uma gota sequer de humidade. Nem um filete d'agua pôde resistir á succão da terra, onde as gramineas se retorcem á feição de cordas finas e esturricadas. Se quizerdes escavar um poço arteziano, encontrareis com mais facilidade uma bolsa de petroleo.

A essa tragica solidão fugiram os passaros de vôo curto. Por vezes, entretanto, paira uma sombra no ar. Tão alto a divisaes, que a julgarieis nuvem pequena de borrasca. Observareis, todavia, certa regularidade no seu movimento. A sombra

que, assim, vai riscando um demorado círculo no espaço, não é a de um cirro, mas a de uma aguia. E' a da aguia azteca, dominando o deserto.

## O Deserto e o Homem

**Á** medida que o vosso olhar for devassando essas planicies, vereis que o deserto vive, que toda aquella apparencia de solitude é uma illusão. Transposto o cabeço de uma duna mais elevada, subito surgirá, ante o vosso espanto, um rude

pastor, de largo chapéu descaído sobre a fronte, com um *sarape* vermelho, verde e azul pendente do hombro. E onde as arvores não brotam, não correm aguas, nem se emplumam aves, está o mexicano, com a sua coragem, a sua resignação e o seu heroismo espontaneo.

Filho do deserto, em que as suas tribus erraram seculos, o mexicano aprendeu, desde cedo, a estrategia da posse pela violencia. Caber-lhe-ia, sem favor, o titulo de romano da America. A grandeza do Mexico assenta na conquista e numa comprehensão de urbanismo tão alta como nunca a tiveram os outros povos do nosso continente. O imperio azteca é um modelo de sabedoria politica. O "status" do cidadão mexicano, os segredos da sua organização administrativa, a riqueza da sua

estructura intellectual fascinaram o invasor hispanico.

Nas “Cartas de Relación”, firmadas por Cortez, a vaidade ingenua do europeu mal esconde o deslumbramento do conquistador que, para estabelecer a traça de parallelos condignos, vai buscar sempre, no paiz natal, os mais honrosos pontos de referencia. Aqui, ante a physionomia grave de uma cidade nomeia Sevilha ou Cordoba, ali, em face de um monumento severo, lembra o atilamento dos engenheiros de Cesar.

O povo mexicano foi marcado nobremente pelo destino. Deu-lhe a natureza um leito áspero de granito, um sonoro berço de pedras, um oceano ondeante de montanhas, picos e grimpas, onde só poderia fixar-se uma especie energica, tenaz

e voluntariosa. Ao longo das suas praias refervem as marinhas salgadas, na asa dos cyclones periodicos ; á sombra das suas florestas, no claro espelho dos seus planaltos rola, de repente, a cachoeira, das lavas fumegantes ; nas entranhas do seu subsolo ardem as pedrarias e os minerios raros.

A raça, ao madrugar, recebeu a mais bella das lições : a lição de que a vida é uma disciplina perigosa. E o azteca de hontem, a exemplo do mexicano de agora, são os descendentes rudes dessa disciplina. Elles aprenderam, destemerosamente, que a existencia não comporta gestos inuteis. No braço firme, que se levanta, elles vêm hoje, como antes, uma força calculada, necessaria, que não deve perder-se, na mão, que brande a espada ou empunha o martelo, um harmonioso schema da energia universal.

Mexicano exprime sobriedade, resistencia de animo, amor de raiz á liberdade, imaginação viril. Cruzando-se com o castelhana voluptuoso, não perderam os povos autóctones as qualidades intrinsecas. Sob as multiplas influencias do colonizador solerte, debaixo dos punhaes e dos mosquetes da soldadesca iberica, palpitava a mesma alma dos antepassados austeros, que animara os guerreiros de Montezuma e os artistas de Chalco, Teotihuacan e Tetzcooco. Lentamente, porém, as duas tradições se fundiram, a que viera com os espanhóes, resoante de vozes latinhas e arabes, e a que nascera no golfo luminoso das Antilhas e ás margens das lagunas de Xochimilco, produzindo uma somma de factores poderosos.

Mercê desse caldeamento, refinou o indio puro as qualidades nativas de ener-

gia. Ao primeiro relance, contudo, julgá-o-eis incapaz do menor atrevimento. Enxuto de carnes, desproporcionado de membros, meão de altura, a cabeça achatada por desmedida brachycephalia, o rosto de zygomas salientes, illuminado por um olhar que se retráe sob as palpebras espessas, de pestanas breves, nada revela, no mexicano, a força recalcada, e silenciosa da sua alma profunda. E' um bronze rigido, cuja apparencia fria e impenetravel desconcerta.

O sangue impetuoso do andaluz eloquente foi absorvido pelo metal patinado da estatua. O gesto esquivo, a palavra rapida, o riso sem alegria, quebram, ás vezes, em repentinas descargas, as linhas serenas, que logo se harmonizam nos relevos da mascara.



Defrontal-o nos atalhos serranos, cortados de agudas pedras, bamboleando o corpo agil na garupa de jumentos pelludos, á testa de longos rebanhos de bodes e cabras montezez, é um puro prazer. Tudo é decorativo, nesses espectaculos, em que os sentidos se amalgamam num diapasão de coloridos primarios. Chapeirões conicos de abas encurvadas, botões polidos, facas mergulhadas em bainhas compridas, botas altas, esporas de rodizios luzentes, toda a sua indumentaria é um brilho de clarões vivos ou furtivos de couros bruni-dos e cobres limpidos. Chocalham campanas no pescoço dos animaes, que saltam e cabriolam em pulos celeres, e o ar todo se arrepia ao contacto do fogo amarello e rubro, que irradia dos ponchos franjados.

O mexicano se desforra da melancolia, vestindo-se de luz. Seu mysticismo, como

o dos velhos povos orientaes, é solar. Sente-se, nesse pendor do indio, como elle está perto dos elementos cosmicos, das “popoteras” inflammaveis, da monotonia dos planaltos. Sua melancolia provém do irrefreavel sentimento da liberdade que não póde attingir-se, daquelle sentimento de liberdade a que o homem chega sómente pelo mais alto mysticismo esthetico ou religioso, ou pela maior amplitude de acção. Eis por que o mexicano possui o instincto do guerreiro, do santo e do artista. E’ Guauhtémoc, Inéz de la Cruz ou Diego Rivera. Sua alma é uma perenne fuga para essa realidade transcendente, em que o sêr se confunde com o Universo.

## O Mexico e a revolução

**A** historia do Mexico reflecte as inquietações dessa alma instavel e ambiciosa. Antes da conquista, mayas e aztecas se disputavam cidades e campos, deuses e riquezas. Como na Italia medieval, um entranhado localismo caracterizava a or-

ganização politica dos differentes povos mexicanos. Em Tenochtitlan, em Mitla, em Palenque, em Uxmal, em Chichén-Itzá, uma aristocracia de artistas levantou cidades, construiu templos e palacios de granito lavrado, casamatas, pyramides e fortins, desviou o curso dos rios, rasgou canaes e abriu, nas terras aridas, immensos lagos artificiaes.

Nos bosques de Chapultepec os imperadores aztecas, á laia dos cortezãos toscanos, offereciam aos seus hospedes bailados e poemas, assentando-os em mesas cobertas de baixellas de ouro e de prata. Não lhes era estranha a sciencia dos pactos, a diplomacia das allianças, os ardis dos tratados bellicos.

Cortez foi recebido em Tenochtilán como alliado da dynastia. Se os principes indigenas não dessem fé á palavra do es-

panhol, difficilmente conseguiria o descobridor encontrar, nas cordilheiras, o caminho de acesso para conduzir aos altiplanos os ginetes de Castella. Vale apontar esta coincidencia : Cortez chegou ao Mexico para tomar parte numa revolução. Muito dura seria a sua peleja se, nesse momento, os aztecas não estivessem a pique de travar luta com o inimigo e, sobretudo, se não traísse elle desabusadamente os seus compromissos.

Durante os seculos da colonização, o espanhol não pôde subjugar o indigena. Exceptuada uma élite de fidalgos feudaes, possuidora de quasi todo o patrimonio nacional, a massa da população vegetava sob o regimen das “encomiendas”, despojada inteiramente das suas fortunas e tradições. Seu instincto de liberdade, embora amortecido, continuava latente. Estaria re-

servado ao cléro humilde, que fôra, até então, o educador vigilante das intelligencias, um eminente papel na historia da independencia mexicana. Foram dois padres os primeiros homens que reclamaram a soberania para a sua patria. Amotinando os indios da aldeia de Dolores, em Guanajuato, D. Miguel de Hidalgo, gravou na consciencia dos seus concidadãos o episodio de 15 de Setembro de 1810. Proclamando a independencia, em 1813, D. José Maria Morellos ditou a primeira constituição mexicana. Foi a destemerosa propaganda desses sacerdotes, fuzilados pelas tropas coloniaes, que determinou o movimento victorioso de Guerrero e Iturbide, em 1821.

Ao revés do que succedeu no Brasil no vice-reinado do Prata e no vice-reinado do Perú, onde se formou, rapidamente,

uma classe média de pequenos proprietários, favorecidos pela agricultura e pela mineração, no Mexico existia apenas uma casta de senhores de latifundios enormes, sem o menor contacto com o povo. Constituiu-se a nação sobre a base de uma despropositada desigualdade de fortuna. Acresce, ainda, a circumstancia importante de que era tambem consideravel o desequilibrio dos componentes ethnicos. Na “Nova Espanha” o caldeamento se operou em escala minima, se o compararmos com os dos outros Estados americanos. O *melting-pot* não chegou para o advento de uma sub-raça, em cujas veias se harmonizariam os sangues do europeu e do incola.





## As duas heranças

**F**EITA a independencia, defrontaram-se duas forças: a do herdeiro branco e a do herdeiro indio. Cada qual representava caracteres que se repelliam. De Iturbide a Porfirio Diaz, por algumas dezenas de annos, o entrechoque produziu-se. Ensaia-

ram-se todas as fórmãs de governo, perdendo o paiz, nessa longa batalha, para sempre, uma riquissima porção do seu territorio, e, durante algum tempo, a propria autonomia, quando o convulsionou o drama aventuroso de Maximiliano.

Nessas jornadas sem termo, empenhado num combate permanente, o mexicano lavrou as suas terras com a enxada na mão e a carabina a tiracolo. O inimigo estava em toda a parte. Irrompia das fronteiras do norte e dos litoraes atlanticos. Apoderava-se das cidades, acampava na capital. Mas a guerra proseguia nos “pueblos” do interior, nos sertões calcinados, nas canhadas e nos cerros agrestes. Cada homem era uma espada. Tudo se convertia em arma de defesa. De uma prisioneira velha, ouviu um official francez, do exer-

cito de ocupação, esta replica immortal :  
“Sou mãe de tres soldados e quatro soldadas que saberão vingar-me. Nunca morremos sós”.



## Porfirio Diaz

**A** nacionalidade estava temperada. Falta-  
tava, porém, um reactivo que dêsse  
consistencia ao amálgama. Esse reactivo  
foi o general Porfirio Diaz. Vencedor das  
tropas francezas, libertador do territorio,  
Diaz assumiu o governo como um chefe

militar ascende ao commando de um exercito. Dirigiu a Republica, durante trinta annos, a toque de clarim. Volveu os cuidados da sua administração quasi que exclusivamente para as obras materiaes. Por esse lado, sua contribuição foi fecunda. O Mexico articulou-se materialmente, ganhando logar de primazia entre as Republicas hispano-americanas. Enraizado nos preconceitos de uma pequena aristocracia, que o rodeava, Porfirio Diaz esqueceu-se do povo. O dictador deslumbrou-se com as servidões que o seu mando improvisava. E, apesar do luxo que irradiava da sua cõrte, dos thesouros que rolavam dos empréstimos para os cofres nacionaes, continuava de pé, aggravando-se, dia por dia, como nos albores da independencia, o problema fundamental do Mexico: a quasi totalidade do povo não participava da for-

tuna publica. Segundo a Repartição Geral de Estatística do Mexico, nas vespéras de ser deposto o general Diaz, apenas 9.000 individuos possuíam terras, numa população de cerca de 15 milhões de sêres.

“A maioria dos fazendeiros, escreve um historiador mexicano, possuía propriedades de mais de sessenta milhões de hectares, tornando-se, portanto, impossivel o seu cultivo completo e racional. Esses grandes senhores feudaes não se preocupavam com as suas fazendas, deixando-as, em geral, entregues a capatazes fieis, que lhes remettiam para Madrid, Paris, ou Londres, o producto das suas rendas.

“As terras desses latifundistas eram trabalhadas pelo systema de “peonaje”. O peão era o servo da gleba. Não se lhe permittia, via de regra, possuir terras, nem instrumentos de lavoura. Elle devia servir

ao amo, trabalhando de sol a sol, mediante o preço de 15 a 25 centavos diários. Os artigos do seu sustento e vestimenta eram adquiridos no armazem da fazenda. Dado o seu estado miseravel, muitas vezes não era pago em dinheiro. Seu irrisorio salario obrigava-o, fatalmente, a contrair dividas com o patrão, dividas que o escravizavam para toda a vida, transmittindo-se á sua descendencia. Os filhos de paes insolva-veis pertenciam á clientela dos senhores. Don Francisco Bulnes, insuspeitissimo pa-negyrista de Porfirio, escreve, a proposito, em “La Crisis Monetaria”, que, num paiz onde existia a escravidão um “bom negro” custava mil pesos, emquanto, no Mexico, um “bom indio” custava apenas cem.”

Dess’arte, não seria exaggerado sup-pôr que, sob as calmarias da paz porfirista, lavrasse a revolução. E’ curioso verificar,



todavia, um phenomeno sociologico bastante raro, quando se estudam os prodromos da reacção contra o materialismo do general Diaz. Coube a um banqueiro, oriundo de familia de millionarios, a chefia do movimento de 1910. O idealismo de Francisco I. Madero. vence, pela energia da sua fé, uma dictadura de trinta annos. Permanecera, não obstante, o fermento militarista. O lirismo politico de Madero teria que succumbir aos golpes do sabre de Victoriano Huerta. O novo dictador não representava uma garantia para o paiz, que reclamava as grandes reformas electoraes e agrarias. Os partidos exaltam-se. Carranza, Pancho y Villa, Zapata, uma chusma de caudillos se levantam. A nação transforma-se, outra vez, numa praça de armas.



## O exemplo de Obregon

**D**ESSE tumulto, como onda que empolasse o dorso e, de improviso, avultasse sobre o refovear das paixões partidarias, arrastando, no redemoinho impetuoso, o turbilhão das vagas menores e incontaveis, que se agitavam inutilmente, surgiu Obregon.

Obregon veiu da terra, e a terra imprimiu-lhe o feitio dos temperamentos exaltados. Sua mocidade foi espontanea e rebelde, como a de todos os homens que nasceram sem compromissos. Já, montado no lombo nú dos cavallos, laçando o touro tresmalhado ou competindo com os mais adestrados ginetes de Sonora, já, de espingarda prompta, escondido entre a vegetação humida e rasteira dos mangues tranquilllos ou á sombra dos bosques espessos, para derribar as garças ou os gamos selvagens, elle viveu a adolescencia de um heróe.

Sempre em contacto com o povo, Obregon apurou o character destemeroso nas livres trajetorias da natureza. Não foi pedir ás Universidades os diplomas de sapiencia graduada. Não foi buscar, nos salões officiaes, o prestigio dos favoritismos

transitorios. Não mergulhou no sophisma livresco as claridades do espirito. Sua mestra exclusiva foi a observação diuturna dos sêres e das cousas. Foi a vida, em summa.

A realidade que os seus vinte annos encontraram não podia ser mais dura. O paiz estava confiado, praticamente, a um circulo estreito de individuos que jogavam, desabridamente, com os seus destinos, impedindo o surto da consciencia collectiva. O povo sem mestres e os campos sem amanhã estavam entregues ás mais solertes explorações. Sobre todas as tyrannias, a peor, sem duvida, era a do espirito. Dentro do Mexico só havia uma opinião : a de Don Porfirio. A imprensa era porfirista, o exercito era porfirista, o ensino era porfirista, o cléro era porfirista, a sociedade era porfirista. No seio dessa una-

nimidade, as massas não tinham assento, nem para concordar. Contribuíam, apenas, para as estatísticas, como um valor económico.

Obregon viu tudo isso, de perto. Ao contrario de muitos, porém, não se satisfez com um exame superficial do momento. Não se tornou descontente por ambição recalçada, senão pelo conhecimento directo dos phenomenos que analysava. Elle sentiu, desde logo, que a Revolução decorria da natureza das cousas, porquanto o paiz estava governado por homens que procuravam contrariar a sua verdadeira realidade ethnica e historica. A palavra famosa de Juarez sobre a intervenção franceza, confirmava-se mais uma vez, nos derradeiros tempos do porfirismo: “la paz interna es imposible cuando no hay respecto al derecho ajeno”.

Reflectindo os anseios da maioria, Obregon comprehendeu a necessidade de dar ao governo mexicano feição nacional. Para não aggravar o conflicto entre o branco e o incola, tão perturbador para a vida intima da patria, elle percebeu que era imprescindivel a participação directa do elemento autóchtone nos negocios publicos. Inteligente e sagaz, o indio mexicano não se adapta facilmente aos postulados da civilização occidental. Herdeiro de raças superiores, póde exhibir, á semelhança do egypcio ou do assyrio, uma nobre tradição de cultura humana, mais vigorosa que a de qualquer civilização precolombiana.

Ora, pois, forçar onze milhões de individuos á observancia dos usos e costumes de cinco milhões, descendentes dos conquistadores, seria prejudicar, talvez irremediavelmente, a marcha progressiva da

nacionalidade. Equilibrar essas duas forças, a imaginação do indio e a vontade do branco seria, ao revés, realizar obra de lucida politica.

Os homens capazes de tal empresa não eram, certamente, os que apoiavam o Estado porfirista. Aos intellectuaes extremes, como José Vasconcellos, e aos campesinos, como Alvaro Obregon, caberia a gloria de preparar as massas para a defesa dos seus direitos. Quando a Revolução, com o baque da tyrannia, começou o cyclo das lutas intestinas, só as antigas classes dirigentes não quizeram entender a razão da nova lei. Chegando ao poder, pela armadura de uma vontade inflexivel, depois de sobrepujar o caudilhismo de Pancho y Villa, Obregon não desmentiu as suas origens nem falseou os principios da Revolução, a exemplo de Carranza.



Seu primeiro cuidado foi o de nacionalizar o Mexico. Abriu escolas, apparellhando-as com os mais aperfeiçoados systemas pedagogicos, repartiu a terra, como na parabola evangelica, entre os humildes, tornou o sub-sólo patrimonio da nação e organizou os syndicatos operarios e agrarios. O Mexico, por tantas décadas apartado da vida intellectual, reformou-se espiritualmente. A palavra das Universidades, das academias, das escolas secundarias e primarias veiu ao encontro da multidão, e, das fileiras obscuras do proletariado, repontaram typos dominantes.

Nem um chefe de Estado me impressionou tanto pela simplicidade, como esse que soube morrer na vanguarda do seu povo. Na noite em que elle me recebeu, o Castello de Chapultepec, dentro do bosque millenar picado de luzes vivas, não

parecia um palacio official, mas hospita-  
leiro solar de outras idades. Estadistas, poe-  
tas, guerreiros e artistas confundiam as vo-  
zes, naquellas salas espaçosas, em que pul-  
saram corações de imperadores e caudilhos.  
Pensei no Renascimento. E era o renasci-  
mento de uma raça aquelle principe, dis-  
trahido dos protocollos e dos titulos, que  
attingira a mais alta nobreza humana, pelo  
character, aquelle principe, cuja singeleza  
não tentaria, talvez, a penna dos historia-  
dores rhetoricos.

## Guadalajara

**C**OBERTA ainda pelos nevoeiros pardos da manhã, Guadalajara, pintada de azul e branco, parece uma talavera. Dentre a cortina dos platanos immoveis e dos eucalyptus parados no ar, sobem, cortando de chofre a claridade prateada e fina, as torres ponteagudas da cathedral. Rompen-

do a penumbra das folhagens pulam, de trecho a trecho, as curvas macias das cupo-  
las forradas de azulejos. O espaço é uma  
inquietação de pedras que se arremessam  
tragicamente para o céu.

Essa madrugada colonial é uma lição  
permanente da historia do novo mundo.  
O ambiente da America absorve, nas suas  
solidões verdes e asperas, os vestigios do  
homem europeu. A paizagem india con-  
traria o desenho espanhol. A rendilha chur-  
rigueresca dilue-se na atmospha virgem  
das arvores mexicanas. E, quando o sol  
*tapatio*, abrindo toda a sua luminosa co-  
rolla, arde no firmamento, Guadalajara fa-  
gulha em tons violentos e aggressivos. O  
*zarape* de Saltilho ou de Caxaca vence, nas  
suas geometricas coloridas, o mysticismo  
castelhano. O indio levanta-se, mais uma  
vez, nesse primeiro minuto de aurora, para  
repellir o conquistador.

## Caminho de Tlaquepáque

**P**ARA São Pedro de Tlaquepáque, em bambas ancas, descem os cargueiros. Oscillam, na cangalha dos jumentos, os samburás carregados de potes e cuias de barro crepitante.

Aquella mão, que empunha a comprida vara de tanger os animaes, é um dos mila-

gres do mundo. Foi ella que fez tudo quanto ali vae : desde o sapato de corda até o vasilhame que faisca, em todas as curvas polidas, no trote curto das alimárias pequeninas. Antes do barbaro occidental penetrar os valles de Jalisco, tinha ella criado o fogo e inventado a arte !

Como é rude aquella mão ! A palma, achatada e magra, tem a forma de uma folha selvagem. Os dedos longos e nodosos foram feitos para modelar as cousas, para envolver-as e dominal-as. O pollegar, torto e desgraçoso, mostra a belleza da arma que serviu para o combate. A exemplo dos punhaes muito usados, dir-se-ia gasto, mas seu golpe é instantaneo e preciso. Não desenha duas vezes o mesmo traço, e tão firme é o seu toque rapido, que desdenha o torno e vence o mecanismo

vulgar, imaginando e executando, quasi a um tempo.

Com o “barro pegajoso” e o “barro branco” das minas de San Andrés, livre de moldes, aquella mão feia e peluda, “paletea” maravilhas. Zomba das technicas occidentaes.

Só um rival é capaz de enfrental-a : o olho prompto do tonalteca. Este é um prisma sem par. Decompõe os relevos, degrada os matizes com a facilidade genial do primitivo. Às vezes, numa simples flor, resume toda a paizagem. O mysterioso dynamismo que os mais subtis pintores modernos procuram, acha-se, de repente, resolvido num “tíbor” ou numa “olla” de Tonalá.





## Caminho de Tonalá

**C**AMINHO de Tonalá, quem te viu não  
te esquece mais !

Por toda a parte ondulam faixas de  
terra gorda, vestidas de entretons macios,  
de onde se erguem, aqui e além, grossas  
e lentas cabeçorras de vaccas silenciosas.

Os campos, que os lírios picam de vermelho e roxo, fumam nos vapores da manhã estival. Começam a luzir, como be-souros, as malacachetas do chão.

Chiam as folhas do matto denso.

Dos charcos, onde a luz cáe, de improviso, como um fruto que se esborracha derramando fogo, disparam, em vôos curtos, céleres, patos bravos, de bico chato e patas amarellas.

Ruflos, palpitações, murmurios, vozeios.

Os *pueblos* enchem-se de vozes. Á porta de uma choça de adobe, a mascara de um deus azteca sorri, na sua boca sem dentes, para a imagem protectora de Nossa Senhora de Guadalupe.

## A festa de Tonalá

**N**A tarde, em que a percorri, Tonalá estava em festa. Aquella gente rude acolhia um homem honrado, o homem que injectou na arte mexicana o sangue virgem da plebe : José Vasconcellos. Tonalá, nesse dia, era um museu, o museu mais

vivo que já me foi dado contemplar. No pateo do “Jusgado Municipal”, apinhado de “alfareros”, havia uma corrida de novinhos bravos.

Fóra, na larga praça, emoldurada pelos cerros empastados de neblina, um grupo de oleiros, com trajés e disfarces monstruosos, dansava ao som incisivo de um “teponaxtle”. O espirito dessa mysteriosa cerimonia traduz o conflicto religioso do rito azteca e do rito catholico. A tragedia da conquista repontava daquelle espectáculo, onde até o ridiculo das personagens, sinistramente mascaradas, se tornava sagrado. Nos olhos da patuléa relumbrava, nesse instante, o fogo da America precolumbiana. De subito, porém, todas as taras accumuladas por seculos de terror e livre grandeza, deflagraram num grito que explodiu de centenaes de bocas, mudas

até então. E no silencio que, novamente, rolou sobre nós, como a dobra de um manto que se desprega, dura, aguda, vertical, rompeu o espaço a ultima nota do “teponaxtle”.

Na claridade fumarenta das tochas e das velas resinosas, emquanto a noite cahia das montanhas, proseguia a festa no interior das casas. O “tequila” fermentado com bagos de romã e o “pulque” amargo abriam o apetite para os “tamales” picantes e o espesso “atole”, bebido em canecos desenhados como um conto de “Scherazada”. O rythmo do “Jarabe” pairava em todos os cantos. Sapateando nos giros breves do compasso nervoso, os pares rodavam no piso de terra batida. O “Jarabe” é a mais bella invenção tapatia. Podia chamar-se a dansa da posse.

Esse jubilo de Tonalá, entretanto, pareceu-me tocado de melancolia. Mais uma vez me convenci de que ha uma indefinivel tristeza em todo povo que se diverte. Quem melhor exprimia o secreto sabor dessa festa, unica pelo estylo e pelo character, era um trio de indios, dois homens e uma mulher, que, afastados, lamentavam-se, num rendilhado sonóro de guitarras. Ao centro do pateo, junto á cisterna de pedra, aquellas tres figuras tinham a gravidade impressiva de um painel de Diego Rivera. Não havia esperança na sua toada, mas uma queixa humilde, atravessada por faiscas de inquietos desafios. A voz da mulher subia, alta e fina. Era um repuxo de timbres claros retombando sobre os lentos ritornelos do côro masculino.

Aquella voz lembrava a “flor de Tonalá”, que se abre no barro cozido ou vi-

drado das amphoras e dos gomis. Delicada e subtil, ora se desmanchava num chuveiro de petalas soltas, ora se fechava num botão inquieto, ora se descerrava no lucido crystal da corola. Apegada á sua gleba, ninguem lhe arrancaria daquelle sólo as infinitas raizes. E a sua mesma tristeza, recolhida e penetrante, era como o perfume da “flor de Tonalá”.





## Magia Tonalteca

**S**ENDO relativamente pobre a natureza que o cerca, o tonalteca inventa uma natureza magica, onde os antilopes da India e os gatos felpudos da Persia convizinhos com os dragões chinezes e os monstros nipponicos. Elle reduz tudo a schemas

decorativos. E a sua decoração, como a dos povos inventores, é accentuadamente psychologica. Sua alma está profundamente entranhada no mais modesto motivo: na flor do cacto, onde se accusam as desolações do deserto bruto, ou na grega azteca, onde se vislumbra a densidade espiritual de uma raça.

## A casa do tonalteca

**A** casa do tonalteca é uma fabrica. Desde criança, aprende a lidar com os barros. E lavra-o tão ardente sonho, que não cuida da habitação nem lhe imprime taça architectonica. Contenta-se com as quatro paredes de taipa e argamassa, onde

se rasgam portas e janelas estreitas. Emquanto os admiráveis *poblanos* valorizam economicamente as talaveras, elle só se preocupa com a linha ideal das suas obras.

“Yo pinto — disse um delles, o extraordinario Zacarias Jimon — porque tengo una cosa adentro que me hace trabajar con dolor. Cuando a uno le encargan una cosa parece que le amarran las manos”

Diego Rivera pertence á linhagem do meu amigo Zacarias Jimon. Só os largos pannos muraes da Universidade do Mexico seriam capazes de conter a sua imaginação. E mais uma vez, aqui, se repete a luta do primitivo com o conquistador. Sob a curvatura plateresca das arcadas espanholas, as multidões mexicanas de Rivera rebentam, como frutos sangrentos, na tormentosa paizagem social da America.

Quem poderá, d'oravante, amarrar as mãos do homem americano com qualquer "encommenda" que lhe contrarie o impeto de liberdade ?



## O homem de Tonalá

**O** homem de Tonalá fala pouco. Sua eloquencia concentra-se nos olhos e nas mãos. Alto, espadaudo e enxuto de carnes, traz o corpo em aprumo elegante, visando o interlocutor directamente. Ao contrario da maioria dos povos mexicanos,

é pacífico por índole. E', por excellencia, o "homo faber" Sua face possui a serenidade mágica do hindú das altas castas. E' capaz de permanecer horas a fio, no batente da porta, *imaginando* uma forma nova ou uma combinação de coloridos para os seus vasos.

A' sombra dos cardos massiços, pernas trançadas, alheio á vida circumstante, afeiçoa o barro, numa fascinação inviolável. Acocorados, em redor, a mulher e os filhos espiam, calados, aquella tranquilla experiencia do Creador.



## Architectura

**A**S casas de Tonalá, de tectos baixos, obrigam os moradores a olharem sempre para a terra, num contacto amoroso e lascivo. Essa é a grande lição de uma architectura instinctiva, que não distráe o criador humilde. Só os largos e ventila-

dos pateos interiores, com os seus tanques de aguas mortas, exhibem o luxo das linhas decorativas dos cardos e magueyes agudos.

## Talavera de puebla

**V**I todo o mysterio da arte, em sua expressão mais simples e directa, numa fabrica de Talavera de Puebla.

Acurvado sobre o torno primitivo, o “alfarero” é um transfigurador. Como no Genese, ao seu commando anima-se a ar-

gamassa e a ordem domina a materia. Na argila macia, pegajosa e informe correm-lhe os dedos sábios. Ao impulso do pé ligeiro, roda o torno, e o artista, secundado por esse movimento inicial, cria o Universo do cáos. Cylindros, pyramides, espheras, surgem e desapparecem, no concavo das suas mãos ; as linhas se recurvam ou se distendem, alongam-se, interrompem-se, unem-se e, num relampago, nascem vasos de colos esguios, candelabros, jarras e copas de exquisito feitio.

Emquanto, maravilhosamente incriveis, bailavam os contornos ante os meus olhos, num jogo inesgotavel de geometrias improvisadas e logo desfeitas, senti que o oleiro não pensava. Aquelle homem nunca soffrera, porque, sem procurar a essencia das cousas, elle as tirava do não sêr pelo prestigio da fórma. O Verbo, que elle não

tentara traduzir, convertia-se na acção, que impellia vertiginosamente. Aquelle homem era, pois, a propria Realidade, o vir-a-ser continuo das apparencias, na sua transcendencia absoluta:

Cantava no torno o estheta e, no fogo dos fornos crepitantes, cantava tambem a terra, a mesma terra que, antes, era poeira e rolava na pata dos animaes, e agora seria cantaro para a boca fresca e lasciva da india de ventre fecundo. Cantava o homem, porque se unira á terra, e cantava a terra, porque voltava das mãos do seu creador para o milagre de um momento de perfeição.

E tudo era alegria ao redor de mim, porque aquelle homem era um deus.











ULTIMAS EDIÇÕES DA  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 24-A/30, São Paulo

VIAGENS :

- Vol. 1 - MONTEIRO LOBATO : America  
2.ª edição 6\$
- Vol. 2 - NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA :  
Shanghai (2.ª edição) 6\$
- Vol. 3 - CAIO PRADO JUNIOR : U. R.  
S. S., Um novo mundo (2.ª ed.) 6\$
- Vol. 4 - NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA :  
Japão 6\$
- Vol. 5 - RENÉ DE CASTRO : Europa in-  
quieta 6\$
- Vol. 6 - LYDER SAGEN : Dinamarca -  
(edição illustrada) 6\$
- Vol. 7 - RIBEIRO COUTO : Chão de  
França 6\$
- Vol. 8 - NELSON TABAJARA DE OLIVEIRA :  
O Roteiro do Oriente. 6\$

ENSAIOS E ROMANCES  
HISTORICOS :

- ALCEBIADES DELAMARE : Villa Rica  
(edição illustrada) 10\$
- PAULO SETUBAL : O romance da pra-  
ta (edição illustrada) 6\$
- PAULO SETUBAL : O sonho das came-  
raldas (edição illustrada) 6\$
- PAULO SETUBAL : As maluquices do  
Imperador (4.ª edição) 6\$

BRASILIANA :

- Vol. XXXIX - E. ROQUETTE-PINTO :  
Rondonia (3.ª edição augmentada  
e profusamente illustrada) 15\$
- Vol. XL - PEDRO CALMON : Espirito  
da Sociedade Colonial (edição illus-  
trada) 10\$
- Vol. XLI JOSÉ-MARIA BELLO : Intel-  
ligencia do Brasil. 8\$
- Vol. XLII - PANDIÁ CALOGERAS : For-  
mação historica do Brasil (2.ª edi-  
ção com 3 mappas fóra do texto) 15\$
- Vol. XLIII - A. SABOIA LIMA : Alberto  
Torres e sua obra. 8\$

Vol. XLIV - ESTEVÃO PINTO : Os in-  
digenas do Nordeste (edição illus-  
trada) 10\$

Vol. XLV - BASILIO DE MAGALHÃES :  
Expansão geographica do Brasil  
Colonial (2.ª ed. augmentada). 12\$

PHILOSOPHIA :

WILL DURANT : Historia da Philoso-  
phia - A Vida e as Idéias dos Grandes  
Philosophos (traducção de Godofredo  
Rangel e Monteiro Lobato) 15\$

BIOGRAPHIAS :

ALBERTO RANGEL : Gastão de Orleans  
- O ultimo Conde D'Eu (edição illus-  
trada) 12\$

CLIFFORD WHITTINGHAM BEERS : Um es-  
pírito que se achou a si mesmo 10\$

LITTERATURA BRASILEIRA .

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA : Coiteiros  
(2.ª edição) 6\$

HELIO LOBO : No limiar da Asia, a  
U. R. S. S. 6\$

CAROLINA NABUCO : A Successora 6\$

ENÉAS FERRAZ : Uma familia cari-  
ca. 6\$

JULIA LOPES DE ALMEIDA : Passaro  
tonto. 5\$

OSWALD DE ANDRADE : A escada ver-  
melha 5\$

JOÃO LUSO : Alegria e ternura. 6\$

SOCIOLOGIA

FERNANDO DE AZEVEDO : Principios de  
Sociologia. 15\$

DISCURSOS E CONFERENCIAS

MARTINHO NOBRE DE MELLO : Rumo  
do Brasil 10\$

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).